



Fábrica
das Artes

MUDAR TERRA AMARELA FILIPE RAPOSO, ANA VENTURA E MARCO PAIVA

22 A 25 OUT 25

ARTES
PERFORMATIVAS

Temporada
2025/2026

Fábrica das Artes – Espetáculo + Conversa – ESTREIA

Pequeno Auditório

Quarta, 11h00 – Escolas

Quinta, 11h00 e 14h30 – Escolas

Sexta, 20h00, Sábado, 17h00 – Público Geral

Público-alvo: +6

Classificação etária: +6

Duração aproximada: 40 min. + Conversa



Acessibilidade: Espetáculo em Língua Gestual Portuguesa e com legendagem em português para pessoas ouvintes.

A partir do livro **MUDAR** de **Ana Ventura**

Criação Coletiva **Filipe Raposo, Ana Ventura e Marco Paiva**

Interpretação **Filipe Raposo, Vasco Seromenho e Elizabeth Davis**

Vídeo Arte **Mário Melo Costa**

Espaço Cénico **Mário Melo Costa, Filipe Raposo, Ana Ventura e Marco Paiva**

Figurinos **Ana Ventura**

Música **Filipe Raposo**

Desenho de Luz **Nuno Samora**

Montagens e Operação **Nuno Samora**

Direção de Produção **Beatriz Sousa**

Produção Executiva **Terra Amarela**

Gestão Financeira **Nuno Pratas**

Coordenação Técnica **Nuno Samora**

Coprodução **Terra Amarela, Centro Cultural de Belém/Fábrica das Artes, Teatro Viriato e Casa das Artes de Vila Nova de Famalicão**

Colaboração com **Instituto Jacob Rodrigues Pereira da Casa Pia de Lisboa**

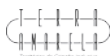
Projeto financiado pela **Direção-Geral das Artes**

A Terra Amarela é uma estrutura financiada pelo Ministério da Cultura, Juventude e Desporto e pela Direção-Geral das Artes.



REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA, JUVENTUDE
E DESPORTO

dgARTES
DIREÇÃO-GERAL
DAS ARTES



Fábrica
das Artes

Teatro
Viriato

CASA
das artes
famalicão

Fotografias: ©Filipe Ferreira



©Filipe Ferreira

SINOPSE

Quando decidimos mudar, o que acontece dentro de nós? E à nossa volta? Será que uma língua pode transformar um corpo? E quantas línguas precisamos para criar um novo lugar?

MUDAR é um espetáculo sobre viagens — por fora e por dentro. Uma aventura feita de perguntas, sons, cores e encontros. Estamos prontos para mudar? Vamos juntos?

Dedicado A Todas As Pessoas Que Têm A Coragem De MUDAR

Há desejos que vão crescendo dentro de nós sem quase darmos por isso. Há um momento em que sentimos necessidade de parar, de dar atenção ao que é invisível e nos inquieta. Uma pausa ativa, que não tem a função de nos travar, mas sim de criar uma qualidade maior na nossa escuta interior. Dessa escuta, nasce um impulso, um movimento real que precisa de se concretizar. Esse movimento abre-se para o Mundo e expande-se. O interior e o exterior cruzam-se e a inquietação invisível, que antes vivia dentro de nós, passa a agitar o quotidiano. Transforma-nos e transforma o que com ela se cruza.

Estamos então numa viagem que nos leva ao assombro da revelação do que não conhecemos e que passaremos a ocupar. Nascem outras rotinas, outras ações, outras aprendizagens, outros caminhos, outras amizades, novos amores. Tudo se redefine através do cruzamento de identidades, corpos, vozes, gestos, sons e cores.

Inspirados pela delicada obra da ilustradora Ana Ventura e apropriando-nos do nome do seu livro para batizar o próprio espetáculo, *Mudar* é um convite ao encontro com o prazer de emigrar uns nos outros, de ser corpo/país fraterno.

Uma figura Amarela, no seu país Amarelo, imersa no seu quotidiano Amarelo, decide partir. Cruzar o que é e o que ainda não conhece. Começar noutra lugar. Deste ato de partir, começa a nascer um território policromático, que afirma a urgência de crescermos na riqueza da diversidade que estrutura os lugares.

Se, por um lado, *Mudar* aponta a pluralidade e a travessia como mote dramático a partir do seu lugar mais visual, por outro, desafia-nos a descobrir essa mesma pluralidade na paisagem sonora, misturando instrumentos de berços distintos, que nos trazem sonoridades, que, por si, atestam inspirações de diferentes cantos do Mundo.

E depois o corpo: o corpo que transporta uma Língua que vibra em toda a sua estrutura. A Língua Gestual Portuguesa cruza-se com a mimica, o Visual Vernacular, o teatro físico e a dança. O Corpo Território que chama para si uma híper expressividade dramática, tornando o que se conta em cena numa liturgia universal.

Este espetáculo é virado para o Mundo. É, na verdade, uma Ode ao Mundo que desejamos: um Mundo aberto ao prazer da curiosidade, da descoberta, da coragem – mas também do pensamento crítico, do diálogo e do consenso. Do gosto pela beleza, pela poesia e pelos abraços demorados. *Mudar* é uma dedicatória ao que a Humanidade tem de melhor e representa a esperança de que esse melhor se propague para que os dias possam ser também eles de esperança.

Marco Paiva

Lisboa, 2 de outubro de 2025

TERRA AMARELA

A Terra Amarela - Plataforma de Criação Artística Inclusiva é uma estrutura de criação artística fundada em 2018 pelo ator e encenador Marco Paiva e que desenvolve o seu trabalho em torno do pensamento, pesquisa e criação na área das artes performativas, partindo sempre de três eixos estruturantes: acesso, diversidade e liberdade.

A Terra Amarela tem trabalhado desde 2018 em quatro objetivos estratégicos:

- 1) Qualificar e empoderar artistas com deficiência e S/surdos;
- 2) Gerar empregabilidade para estes artistas;
- 3) Colaborar numa alteração estrutural da relação entre a prática teatral e a diversidade de necessidades e expectativas dos artistas e públicos que habitam a contemporaneidade;
- 4) Transformar territórios através da participação das diversas identidades que os habitam.

A Terra Amarela tem na sua fundação profissionais ligados a diversas áreas criativas, sociais e de gestão. Desde o seu início, em 2018, tem recebido reconhecimento nacional e internacional pela sua excelência artística, pela sua implicação com questões relacionadas com a acessibilidade de públicos e artistas, bem como pela sua forte atividade no âmbito da formação e qualificação dos profissionais da cultura no domínio das práticas e metodologias de mediação de públicos e formação artística. Neste sentido, a Terra Amarela tem feito um forte investimento na sua rede de parcerias nacionais e internacionais, procurando cruzar diversas experiências, saberes e escalas de ação. A Terra Amarela venceu em 2022 o prémio «Acesso Cultura».

Criações Artísticas

2024 – UTOPIA, de Diana Niepce

Direção Diana Niepce

Coprodução Terra Amarela, Teatro do Bairro Alto e DDD 2024 (Teatro Municipal do Porto)

2023 – O Tamanho das Coisas, de Alex Cassal

Direção Marco Paiva

Coprodução Terra Amarela, Culturproject, Casa Varela, Município de Pombal, Município de Paredes de Coura e Teatro Diogo Bernardes (Ponte de Lima)

2023 – Ricardo III, a partir de William Shakespeare

Direção Marco Paiva

Coprodução Terra Amarela, Centro Dramático Nacional de Espanha, Teatro Nacional D. Maria II, Teatro Nacional de São João e Cineteatro Louletano e Culturproject

2022 – Zoo Story, a partir de Edward Albee

Direção Marco Paiva

Coprodução Terra Amarela, Teatro Nacional D. Maria II, Cineteatro Louletano, Centro de Artes de Águeda, Centro Cultural Vila Flor e Culturproject

2021 – Calígula Morreu. Eu não., a partir de Albert Camus

Direção de Marco Paiva

Coprodução Terra Amarela, Teatro Nacional D. Maria II e Centro Dramático Nacional de Espanha

2021 – Como Desenhar uma Cidade? criação coletiva

Direção de Marco Paiva

Coprodução Terra Amarela, Fundação Calouste Gulbenkian (Programa Partis), Braga Media Artes e Junta de Freguesia do Lumiar

2020 – No tempo em que víamos as cidades pela janela, criação coletiva

Realização de Mário Melo Costa

Coprodução Terra Amarela e Rádio Televisão Portuguesa

2019 – Fala aos Bichos, de Marta Bernardes e Rui Pina Coelho
Direção de Marco Paiva
Coprodução Terra Amarela e Rádio Televisão Portuguesa

2019 – Aldebarã, de Alex Cassal
Direção de Marco Paiva
Coprodução Terra Amarela, L.U.C.A – Teatro Luís de Camões, A Oficina de Guimarães e Cineteatro Louletano

Projetos pedagógicos e de mediação

2024/2025 – Agora Nós, dirigido a pais e cuidadores de pessoas com deficiência
Direção de Marco Paiva
Coprodução Terra Amarela, Centro de Artes de Águeda e CerciAgue

2022/2023 – Mãos a dentro, Curso dirigido a artistas S/surdos
Direção de Marco Paiva
Coprodução Terra Amarela, Teatro Nacional D. Maria II, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa e GDA.

2019/2021 – Como desenhar uma cidade?
– Projeto financiado pelo programa PARTIS
Direção Marco Paiva
Coprodução Terra Amarela, Fundação Calouste Gulbenkian, Braga Media Artes, Junta de Freguesia do Lumiar e Acesso Cultura



©Estelle Valente

FILIPE RAPOSO **Músico**

Filipe Raposo inicia os seus estudos pianísticos no Conservatório Nacional de Lisboa. Tem um mestrado em Piano Jazz Performance pelo Royal College of Music (Estocolmo), sendo bolseiro da Royal Music Academy of Stockholm. É licenciado em Composição pela Escola Superior de Música de Lisboa. Como pianista, compositor e orquestrador, tem colaborado com inúmeras orquestras internacionais, apresentando-se em importantes salas como a Sala de São Paulo, Bozar, Ópera de Rouen, Fundação Gulbenkian e CCB. Colabora em concertos e em gravações discográficas com alguns dos principais nomes da música portuguesa: Amélia Muge, Sérgio Godinho, José Mário Branco, Jorge Palma, Rita Maria ou Vitorino. Trabalha também regularmente como compositor em cinema e teatro. Autor da música original do documentário *Um Corpo que Dança – Ballet Gulbenkian 1965-2005*, de Marco Martins. Em 2022, realiza, em parceria com António Jorge Gonçalves, o documentário *O Nascimento da Arte*. No mesmo ano escreve a ópera *As Cortes de Júpiter* (Gil Vicente), com encenação de Ricardo Neves-Neves. Em 2025, foi premiado no Festival de Cinema de Málaga pela composição original do filme *Lo Que Queda de Ti* de Gala Gracia. Colabora desde 2004 com a Cinemateca Portuguesa como pianista residente no acompanhamento de filmes mudos. A convite da Cinemateca Portuguesa, compõe e grava a banda sonora para as

edições em DVD de filmes portugueses do Cinema Mudo: *Lisboa, Crónica Anedótica*, de Leitão de Barros (ganhando uma Menção Honrosa no Festival Il Cinema Ritrovato em Bolonha); *O Táxi nº 9297*, de Reinaldo Ferreira; *Frei Bonifácio e Barbanegra*, de Georges Pallu; e *Nazaré, Praia de Pescadores*, de Leitão de Barros.



©Katia Chausheva

ANA VENTURA

Ilustradora

Licenciou-se em Artes Plásticas/Pintura pela Faculdade de Belas-Artes de Lisboa, com especialização em técnicas de gravura, e tem vindo a mostrar a sua criatividade a nível internacional desde 1996. Desde exposições individuais em Portugal a exposições coletivas em países como a Bulgária, Itália e Irão, o seu trabalho abrange diversos suportes, incluindo livros ilustrados, serigrafias e ténis personalizados. Reconhecida pelo seu trabalho detalhado, a arte de Ana entrelaça mito e imagética intrincada, transformando elementos em narrativas poéticas. Ilustra para editoras em Itália, Portugal, Bélgica e Noruega, e colabora com instituições como a Fundação Calouste Gulbenkian e marcas como a Converse. Em 2014, cofunda a TILED, uma marca de moda inspirada nos azulejos portugueses. Em 2022, recebe o Prémio Nacional de Ilustração com o livro *MUDAR*, publicado pela editora Pato Lógico. Desde 2008, tem sido

selecionada para diversos concursos internacionais de ilustração, tais como: Illustrarte (Portugal), Feira do Livro Infantil de Bolonha (Itália), Festival de Ilustração PICTURALE (Bélgica), Bienal de Ilustração de Bratislava (Eslováquia) e Nami Island (Coreia). Vive e trabalha entre Lisboa e Antuérpia.



©Filipe Ferreira

MARCO PAIVA

Encenador

Licenciado em Teatro – Formação de Atores pela Escola Superior de Teatro e Cinema. Conclui em 2008 o Curso Europeu de Aperfeiçoamento Teatral École Des Maîtres, dirigido pelo encenador brasileiro Enrique Diaz (CIA dos Atores). É pós-graduado em Empreendedorismo e Estudos da Cultura – Ramo de Gestão Cultural, pelo ISCTE. Colabora como ator, encenador e mediador em diversas organizações culturais e estruturas de criação artística nacionais e internacionais. Colabora com o projeto Crinabel Teatro desde 2000, assumindo as responsabilidades da coordenação artística entre 2008 e 2021. Faz cinema e televisão. Em 2018 funda a Terra Amarela – Plataforma de Criação Artística Inclusiva, que desenvolve o seu trabalho em torno da cultura acessível e das práticas artísticas inclusivas. É desde 2023 professor assistente convidado na Escola Superior de Teatro e Cinema, coordenando a unidade curricular «Práticas Artísticas Inclusivas».



©DR

ELIZABETH DAVIS

Percussionista

Licenciada em música pela Universidade de Nottingham e em percussão pela Royal Academy of Music de Londres, estuda com James Blades e Alan Cumberland. É bolseira e a primeira mulher a aperfeiçoar a aprendizagem em percussão na Hochschule de Hamburgo, onde estuda com Robert Hinze. Segue uma carreira diversa em Inglaterra e no estrangeiro, abrangendo trabalho de orquestra, como na Orquestra de Câmara da Europa, como música e solista. É timpanista da Orquestra Sinfónica do Porto (1989–1993) e, desde 1993, é timpanista e chefe de naipe de percussão da Orquestra Sinfónica Portuguesa do Teatro Nacional de São Carlos. Apresenta-se frequentemente como solista no estrangeiro e em Portugal, encomendando e estreando obras de destacados compositores portugueses e internacionais. Tem-se dedicado à divulgação, investigação e ensino de Gamelão de Java, que estuda em Java em 2006 no ISI Yogyakarta, a convite da Embaixada da Indonésia e da Fundação Oriente. Forma os primeiros *workshops* e cursos de Gamelão em 2009 na Fundação Oriente, sendo este o veículo de introdução do Gamelão de Java em Portugal. O projeto de Gamelão abrange as vertentes educativa, terapêutica/social e artística. Com o seu grupo Yogistragong, além de música tradicional, apresenta inúmeros concertos e obras de fusão de César

Viana, Nuno Côrte-Real, Luís Tinoco, Elizabeth Davis, Bernardo Sassetti, Mark Duggan e Tiago Cabrita em prestigiados palcos e festivais nacionais. Cria uma notação que permite a fusão, em simultâneo, entre as escalas e notação oriental e ocidental.



©Filipe Ferreira

VASCO SEROMENHO

Ator

Ator surdo e estudante de Teatro na Escola Superior de Teatro e Cinema (Amadora). A sua pesquisa artística centra-se no teatro físico e na criação de uma expressão cénica profundamente ligada ao corpo, à emoção e à comunicação para além da palavra. Inicia a sua formação em 2017, na companhia Janela Aberta Teatro (JAT), sob orientação de Diana Bernedo e Miguel Martins Pessoa, onde permanece seis anos, explorando intensamente a fisicalidade e o gesto como ferramentas criativas. Participa em diversos *workshops* de circo, *clown* e teatro físico, alargando o seu repertório técnico e expressivo. No percurso profissional, integra *Asas de Papel* (2019) e *As Bodas de Prata do Conde Baldinski* (2019), ambas com a JAT; trabalha com a companhia Terra Amarela em *Ricardo III* (2023), com encenação de Marco Paiva, e no Teatro Nacional D. Maria II em *Quis Saber Quem Sou* (2024), com encenação de Pedro Penim.



©DR

MÁRIO MELO COSTA

Vídeo-Arte

Mário Melo Costa nasce em Lisboa em 1971. Estuda na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa no curso de Escultura, fazendo Erasmus na Accademia di Belle Arti di Venezia. O seu gosto pela Direção de Fotografia leva-o a fazer o curso de Cinematografia Avançada na EICTV, em Cuba, e a integrar a Kodak Film Academy, em Paris. A partir de 2007 cria filmes de animação e instalações vídeo para vários projetos musicais de Ela Bauman com a Orquestra Filarmónica de Luxemburgo e Companhia de Música de Viena. Trabalha também em peças de teatro e óperas com os encenadores Daniel Tanson, Waut Koeken, Erica Mandillo, Caroline Petrick, Carla Maciel, Gonçalo Waddington, Marco Paiva, entre outros. Os seus trabalhos de instalação vídeo são apresentados em palcos como os da Filarmónica de Luxemburgo, do Grand Theatre du Luxembourg, da Vlaamse Operem Antuérpia e Gent, da Staatsoper em Viena, do CCB - Centro Cultural de Belém, do Teatro Nacional D. Maria II, entre outros. Ainda a convite de Ela Bauman cria as instalações vídeo para as óperas *The Two Fiddlers*, de Peter Maxwell Davies, e *To the Moon and Back*, de Andrew Norman, ambas dirigidas por Sir Simon Rattle e apresentadas na Filarmónica de Berlim. Nos últimos anos tem criado e colaborado intensamente com Emilie Lauwers e Marco Paiva em várias produções teatrais e musicais

tanto na Bélgica como em Portugal. Destacam-se, entre outras, *BABEL* no The Het Paleis; *Fairy Queen*, de Purcell, com os Vox Luminis; *Aldebarã* de Alex Cassal e *Zoo Story* de Edward Albee no Teatro Nacional D. Maria II. Paralelamente continua a trabalhar em cinema, como realizador e diretor de fotografia.



©Licínio Pereira

NUNO SAMORA

Desenho de Luz

Nasce em Lisboa em Abril de 1977. Desenhador de Luz, Técnico de Luz e Palco. É licenciado em Teatro - Ramo de Produção, da Escola Superior de Teatro e Cinema. Enquanto *freelancer*, é o diretor técnico e desenhador de luz da Terra Amarela. O seu percurso em teatro tem início em 1999 pelo Grupo de Teatro de Carnide, onde trabalha com encenadores como João Ricardo, Paulo Ferreira, Ricardo Gajeiro, desenvolvendo trabalhos em vários ramos do teatro: Cenografia, Luz, Som, Direção de Cena e Produção Executiva. Trabalha como Desenhador de Luz para a Associação Cultural Tenda Palhaços do Mundo, para a Produtora Sola do Sapato (do ator e encenador Almeno Gonçalves), onde desempenhou funções de Direção Técnica e Desenhador de Luz e Som.



SUBSCREVA A NEWSLETTER CCB



**FIQUE A PAR DE TODA A NOSSA PROGRAMAÇÃO
E ATIVIDADES EM PRIMEIRA MÃO!**

ccb.pt/newsletter

JÁ A SEGUIR

ESPETÁCULO MULTIDISCIPLINAR / NOVO CIRCO
QUEBRA-CABEÇAS - ESTREIA
CLÁUDIA NÓVOA | HIPÓTESE CONTÍNUA

Cada cabeça é um lugar único. Num mesmo espaço, há quem sonhe, pense, imagine, corra ou se perca em ideias despropositadas. Este espetáculo é feito por quatro cabeças — quatro mundos. Cheios de perguntas, desafios e pensamentos... às vezes confusos, às vezes mágicos.

Quebra-Cabeças é um espetáculo de novo circo que mistura movimento, música e desenho. É um espetáculo que é um livro e também uma exposição. É também um convite à descoberta, onde as crianças podem ver, ouvir, sentir — e até levar consigo um bocadinho desta experiência. Porque cada cabeça guarda um universo por resolver. Este espetáculo é feito de cabeças com quebra-cabeças dentro.



© Nuno Beja

22 A 29 NOVEMBRO

Terça a Sexta, 10h e 14h – Escolas
Sábados e Domingo, 11h – Público Geral
Espaço Fábrica Das Artes
Público-Alvo: +3
Classificação etária: +3



Duração Aproximada: 50 Min. + Conversa
No dia 29 de Novembro, terá lugar a apresentação do livro
Quebra-Cabeças (Editorial Caminho), após o espetáculo.

Uma Cidade. Um Museu. Tantos Palcos.

One City. One Museum. So many Stages.

Entrada gratuita Free admission

MAC/CCB

Museu de Arte Contemporânea MAC/CCB e Centro de Arquitetura

MAC/CCB Museum of Contemporary Art and Architecture Centre

30% desconto 30% discount

Espetáculos CCB CCB Performing Arts

Estacionamento Gratuito Free parking

Em visitas ao museu, espetáculos ou compras superiores a 20€

For museum visits, performances, or purchases over €20

Convite para um espetáculo Invitation to a performance

Inaugurações, Eventos e Visitas Exclusivas às Exposições

Exclusive Openings, Events and Visits to Exhibitions

Desconto Discount

Lojas e Restaurantes CCB

CCB Stores and Restaurants

Newsletters exclusivas

Exclusive Newsletters



Cartão CCB

Descubra as vantagens em ccb.pt/cartao

Discover the advantages at ccb.pt/cartao

APOIO INSTITUCIONAL



PARCEIRO MEDIA



PARCEIRO DE IMAGEM
E MULTIMÉDIA



APOIO INSTITUCIONAL AO PROGRAMA
DE MEDIAÇÃO DE MÚSICA ERUDITA



PARCEIRO PARA A
SUSTENTABILIDADE

